

*The World of Translation* — (Papers delivered at the Conference on Literary Translation, held in New York City in May 1970), New York, P.E.N. American Center, 1971, 384 p.

Patrocinado pelo P.E.N. American Center, realizou-se na cidade de Nova Iorque, em maio de 1970, um congresso de tradução literária, que contou com a participação de especialistas de várias partes do mundo. Os trabalhos ali apresentados foram mais tarde reunidos em livro e publicados, em 1971, sob o título geral de *The World of Translation*.

Tratando-se de uma coletânea de conferências, esse volume nem sempre oferece, — apesar da opinião em contrário de Lewis Galantière, seu apresentador, — leitura agradável ou proveitosa, apresentado os defeitos comuns a quase todas as obras dessa espécie: a abordagem dos diferentes tópicos é feita em níveis bastante desiguais, não existe sequência de idéias ou desenvolvimento temático quando se passa de um artigo para outro, e, como é natural, há muitas discordâncias e contradições, não só no tocante a problemas secundários, mas também quanto ao método básico que o tradutor deve adotar. Assim, embora ninguém defenda a *metáfrase* (tradução de palavra por palavra e de linha por linha), muitos apregoam as vantagens da *paráfrase* (preservação do sentido, mas não das palavras) em contraposição a outros que se batem a favor da *imitação* (recriação livre do texto original). Mas isso talvez não seja necessariamente um mal, sobretudo quando levamos em conta a fluidez que sempre caracterizou o campo da tradução literária. De qualquer forma, mesmo com essas falhas, algumas incontestáveis e outras discutíveis, o livro reúne um número tão elevado de pontos positivos, que podemos, com toda a segurança, considerá-lo um instrumento de grande utilidade para todos aqueles que se ocupam da tradução ou que, pelo menos, pretendem tornar-se um dia um dos assim chamados “cidadãos de segunda classe da república das letras” (não pelos méritos, mas pelo tratamento injusto que recebem os tradutores).

A meu ver, os estudos mais fracos de *The World of Translation* são aqueles que discutem a arte da tradução literária em seus princípios gerais, ou discorrem sobre a sua importância e os seus problemas de ordem material. E, dentre esses, os mesmos interessantes são os que procuram defender o espezinhado tradutor do comercialismo ou da avidez das casas editoras, como “The Publisher as Obstacle” de J. Macrae III, “On Publishers and Translators”, de G. Gross, “The Lot of the Translator” de G. Daniels, e “The Problem Seen from England”, de G. Astley, — este último, caracteristicamente, chegando ao “gran finale” com as palavras de ordem: “TRA-

DUTORES DO MUNDO, UNI-VOS!” No conjunto, têm o mérito de mostrar que os problemas do tradutor são mais ou menos iguais em toda parte, mas não trazem muitas sugestões concretas para melhorar a sorte da classe. Mais interessante me pareceram as comunicações sobre a necessidade e a importância da tradução nos dias atuais, como “For the Embattled Reader” de Frances Keene, “The Necessity of Translation” de Th. Lask, e principalmente “The World of Translation”, de B.J. Chute, ou “The Place of Translation in Literature” de J. Zulawski, ambos contendo observações inteligentes e esclarecedoras, embora ainda superficiais. Aliás, a superficialidade em trabalhos dessa natureza parece inevitável, acentuando-se à medida em que o campo focalizado se alarga. É o que se observa claramente nos artigos que tratam da possibilidade ou não da tradução literária, ou dos seus problemas técnicos fundamentais (que é, indubitavelmente, uma área amplíssima). Encontramos de tudo aí, desde o surrado mas indefectível *traduttore-traditore*, até às advertências usuais sobre os perigos dos vocábulos cognatos, os célebres *falsos amigos* (como no trabalho intitulado “Traduit de l’Américain”, de Pierre Brodin), acompanhadas, naturalmente, por reiterados alertas a respeito das *expressões idiomáticas*, pois “é dos idiotismos do original que provêm as idiotices da tradução” (o que não deixa de ser verdade). Portanto, encontramos de tudo aí, menos informações realmente úteis para quem já ultrapassou a fase de principiante. Dentro dessa área, os trabalhos, cuja leitura me pareceu um pouco mais compensadora, foram “The Art of Translating” de Elsa Gress, “The Ear in Translation”, de Gregory Rabassa, “On the Impossibility of Translation” de Robert Payne, e o divertidíssimo “Languages Are Comparable Yet Unique” do alemão Helmut Braem.

De outro nível são, de modo geral, as comunicações que abordam temas específicos, seja porque a limitação do assunto favorece uma profundidade maior, seja porque os autores, em sua maioria, relatam as próprias experiências, apresentando problemas concretos e analisando as possíveis soluções. O estudioso tem assim a oportunidade de enriquecer os seus conhecimentos e ampliar ou aperfeiçoar os seus recursos técnicos, pela simples observação do comportamento de outros especialistas diante de dificuldades comuns. E são desse jaez a maior parte dos artigos dedicados aos problemas especiais que cada idioma oferece. Sobre a língua italiana, por exemplo, há dois trabalhos muito úteis, ou seja, “On Translating from Renaissance Italian” de Sidney Alexander, e “Modern Translations from Italian”, de F.S. Pivano; o russo também mereceu dois estudos, o de Moura Rudberg, “On Translating from Russian” e o de H. Muchnic, “Russian Poetry and Methods of Translation”; o espanhol conta com “Translation, Modernization, and Related Problems in the Spanish Language”, de V. Alba, e o chinês, com “Re-creation of the Chinese Image”, de autoria de Shis-Hsiang Chen. Mas há igualmente estudos sobre os aspectos especiais de várias outras línguas, como o iídiche, o polonês, o japonês, o sânscrito, o gaélico e o bengali (se bem que não fi-

gurem aí nem o latim nem o grego, ausências bastante lamentáveis num livro com a riqueza e a variedade de *The World of Translation*.

Muito boas são também algumas das comunicações sobre temas específicos não necessariamente vinculados a um determinado idioma. Na impossibilidade de apresentar um comentário mais extenso sobre todas elas, limitar-me-ei a apenas duas, que me pareceram das mais proveitosas. Refiro-me a “Certain Difficulties in Translating Poetry”, de Ivan Elagin, e “The Teaching of Translation” de Frank MacShane. A primeira consiste numa análise das principais dificuldades que o tradutor de poesia enfrenta, sobretudo o problema da discrepância silábica que muitas vezes existe entre a língua de que se traduz e aquela para a qual se traduz, e a questão da perda das conotações dos vocábulos no ato da tradução. Sem dúvida, são duas dificuldades básicas, e as soluções propostas pelo autor, — ele próprio tradutor de poesia (verteu para o russo a obra de Stephen Vincent Benét), — representam um auxílio valioso para todos os que têm pela frente os mesmos obstáculos. “The Teaching of Translation” por sua vez, procura determinar até que ponto é possível o ensino da tradução literária, bem como estabelecer em suas linhas gerais os procedimentos metodológicos adequados. Frank MacShane parte de uma aproximação entre a *criação literária* e a *recriação literária* (a tradução), afirmando que, a rigor, nenhuma das duas pode ser “ensinada”: ambas constituem atividades artísticas, e dependem da imaginação e da sensibilidade que o indivíduo traz consigo. Mas, continua ele, esses dons inatos podem ser estimulados e desenvolvidos, o que justifica plenamente a inclusão dessas disciplinas nos currículos universitários. E, talvez, mais do que uma obediência aos ditames do bom senso, essa inclusão deve ser considerada uma decorrência natural das profundas alterações sofridas pelo ambiente cultural e artístico de quase todos os países. Há algumas décadas atrás, os escritores ainda se reuniam informalmente nos “cafés” ou organizavam serões a fim de trocarem idéias e se incentivarem mutuamente; hoje, entretanto, o acelerado ritmo da vida tornou praticamente impossível a sobrevivência daquela “escola” não oficial, de modo que a universidade passou a ser o último refúgio para os homens de letras. Daí a importância dos cursos de criação literária (“creative writing”), atualmente tão numerosos nos Estados Unidos; daí, também, à vista da natureza comum, a conveniência dos cursos de recriação, ou tradução literária, que já começam a ser implantados, especialmente em nível de pós-graduação. O autor, contudo, adverte que tais cursos, dado o seu caráter artístico, devem estar ligados ao setor de literatura, jamais ao de linguística, como querem alguns.

Como facilmente se percebe, *The World of Translation*, não obstante os seus inúmeros defeitos, representa, pelo interesse dos assuntos focalizados e pela considerável massa de informações úteis que contém, um acréscimo de grande valor à bibliografia existente sobre a matéria, ainda hoje incompreensivelmente reduzida em face da importância sempre crescente da tradução literária.

*Paulo Vizioli*